

AS IDENTIDADES CULTURAIS DE ALUNOS DA EJA EM DIÁRIOS PESSOAIS

Kéfora Janaína de Medeiros (UFRN)
kefora.medeiros@gmail.com

Introdução

Este artigo objetiva apresentar as primeiras análises de nossa pesquisa¹, do tipo documental, que investiga a construção de identidades culturais de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nível III, de uma escola municipal de Natal – RN, por meio de diários pessoais produzidos em ambiente escolar. Numa abordagem qualitativo-interpretativista, ancoramo-nos nos estudos identitários de Stuart Hall (2011, 2012), que nos traz a ideia de que as identidades são construídas e reconstruídas pelas relações sociais que realizamos. Para tanto, partimos de uma concepção de linguagem que não pressupõe categorias pré-estabelecidas, pois essas partem do próprio enunciado.

Filiamo-nos à Linguística Aplicada (LA) Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) por entendermos que essa pesquisa se debruça sobre uma prática social em que a linguagem desempenha papel central e procura demonstrar como os discursos dos alunos da EJA, em diários pessoais, são instrumentos de construção não só de suas identidades, mas também do conhecimento e da vida social, da posição que esse sujeito aluno ocupa. Para isso, vamos analisar os enunciados por eles produzidos sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin (2010), que trata a construção discursiva emergindo de processos intersubjetivos de interação verbal, numa relação dialógica do eu com o outro, pela alteridade e pela exotopia. Ademais, ainda norteiam nosso estudo as orientações sobre gênero do discurso, de Bakhtin (2010); diário pessoal, de Machado (1998, 2009); da EJA, de Freire (1987).

Concluiremos esse trabalho com os resultados parciais da pesquisa, numa percepção primária das identidades culturais que estão sendo construídas pelo sujeito aluno da EJA. Com isso, pretendemos proporcionar mais um olhar sobre a(s) identidade(s) do aluno da EJA, apontando uma visão sobre esse sujeito.

1. (Re)Construindo o conceito de identidade

A questão da identidade vem sendo discutida de modo cada vez mais constante ao longo do tempo. A discussão se dá, dentre vários aspectos, pela mudança no que consideramos identidade. E essa mudança ocorre relacionada à visão contemporânea que temos do mundo e dos sujeitos. A “crise de identidade”, ou em seu conceito, põe em xeque a estabilidade e fixação que há tanto tempo é difundida, trazendo à tona uma ideia de fluidez, de mudança, de instabilidade.

Um importante fator que vem mudando o que se compreendia por identidade é a globalização. Conceituar globalização não é uma tarefa simples, pois segundo Kumaravivelu (apud MOITA LOPES, p. 130, 2006), “tem significados diferentes para pessoas diferentes em épocas diferentes”. Mas para tentarmos aclarar, optamos pelo conceito dado por Steger (apud MOITA LOPES, p. 130, 2006),

¹Mestrado intitulado **QUERIDO DIÁRIO: a construção identitária de alunos da EJA em diários pessoais**, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação da Professora Dra. Marília Varella Bezerra de Faria.

[...] uma série multidimensional de processos sociais que criam, multiplicam, alargam e intensificam interdependências e trocas sociais no nível mundial, ao passo que, ao mesmo tempo, desenvolve nas pessoas uma consciência crescente das conexões profundas entre o local e o distante.

Esses processos sociais provocados pela globalização têm mudado a maneira como os sujeitos vêm se relacionando consigo e entre si, pois as distâncias (espacial, temporal) e as fronteiras, que antes mantinham particularidades, hoje estão cada vez menores, daí ouvirmos falar em uma grande aldeia global em que todos estão conectados, em que costumes, hábitos, culturas e normas se dissolvem.

A dissolução do que antes era visto como fortalecimento de uma identidade tem provocado o que se chama de “crise de identidade”, pois não há, como dissemos, uma rigidez nos comportamentos, hábitos e costumes. Pelo contrário, por vezes, espera-se que o sujeito seja mutável, adaptável às constantes mudanças que fazem parte do cotidiano de tantos.

Com isso, podemos perceber o que Hall (2011, p. 10) apresentou em seu texto, quando tratou das três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo (centrado, destinado a ser sempre o mesmo), a do sujeito sociológico (interativo, que muda de forma controlada através de seu contato com a sociedade) e a do sujeito pós-moderno (não tem identidade fixa, essencial, permanente). Com a globalização, o sujeito da pós-modernidade vive a “celebração móvel” da identidade, que se define historicamente, segundo Hall (2011, p. 13),

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

O deslocamento identitário e essa construção contínua da identidade provocam o descentramento que é marcado pela diferença. A identidade se faz pela diferença. E tanto uma quanto outra são criações sociais e culturais. “Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais” (SILVA, 2012, p. 76). Com isso, reforçamos que tanto a identidade quanto a diferença só se fazem através das práticas com atos de linguagem porque é por meio da linguagem que demonstramos o que somos (nossas identidades) e o que não somos (a diferença).

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída (HALL, 2012, p. 109).

Para compreendermos como se dá a construção identitária de alunos da EJA, partimos de seus atos com a linguagem por meio de seus enunciados em diários pessoais. Pretendemos assim, analisar seus discursos e como suas identidades são construídas e a diferença é marcada em meio a um local institucional específico, o ambiente escolar.

2. A inter/indisciplinar Linguística Aplicada

Como vimos, para analisar como se dá a construção identitária, em nosso caso, de alunos da EJA, temos que partir de seu discurso. Assim sendo, ancoramos a pesquisa à Linguística Aplicada (LA) por considerá-la uma teoria que atende ao que nosso trabalho pretende: analisar a prática social de construção de identidade pela linguagem, mais especificamente, pelos enunciados produzidos em diários pessoais.

Não trataremos aqui da historicidade da LA, mas destacamos que a mesma vem se reconstruindo e, conforme Moita Lopes (2009), já passou por viradas que a tornaram mais próximas das questões e práticas sociais, ampliando sua perspectiva de aplicação.

Ainda segundo Moita Lopes (2009, p. 19), a LA é indisciplinar

[...] tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados.

Percebemos com isso, que por entender a linguagem como centro de toda atividade humana, a LA ampliou seu campo de atuação para estudar os problemas da prática do uso da linguagem na práxis humana. Essa característica da LA tornou-a um campo de investigação inter/multidisciplinar, ou no dizer de Moita Lopes (2009), indisciplinar, mestiça, nômade, que não mais aprisionada à Linguística, une-se a diversos campos do conhecimento para que se crie inteligibilidade para com as problemáticas que têm a linguagem como centro.

Essa é uma ideia impactante, mas que faz todo sentido em relação a esse modo contemporâneo de fazer LA. Não quer dizer que prescindamos de teorizações sobre linguagem, mas que elas podem não vir do campo de estudos linguísticos ou que tais teorizações possam ser construídas nos entrecruzamentos disciplinares (MOITA LOPES, 2009, p. 20).

Partindo dessa ideia de uma LA interdisciplinar, percebemos que para melhor pesquisar a construção identitária de alunos da EJA em diários pessoais, teríamos que lançar mão de outras teorias, de outros campos, tais como as Ciências Sociais, com os Estudos Culturais e de Identidades; com a Pedagogia/Educação e seus escritos sobre educação de adultos.

Nota-se, assim, que a LA dialoga com teorias que têm em comum a perspectiva de compreender nossos tempos e que abrem espaço às vozes que atuam, de fato, na vida

social e que por vezes, não são legitimadas, como é o caso dos sujeitos alunos que compõem a modalidade de ensino EJA.

3. Linguagem e gêneros discursivos

Ao nos referirmos à linguagem, vamos tomar como concepção as considerações do Círculo de Bakhtin, que a entendem como um conjunto de práticas sociais, como um fenômeno social de interação verbal. Com isso, temos que pensar a linguagem que tem como foco as relações dialógicas de sentido e que ocorrem nas diversas esferas sociais onde os sujeitos circulam.

Para pensar nas esferas sociais da atividade, temos que considerar as formas de dizer, que não ocorrem de qualquer maneira, mas sim numa relativa estabilidade. Assim, é preciso considerar que os enunciados que produzimos, mesmo com sua particularidade, adequam-se ao campo, por isso, produzimos enunciados que pertencem a um gênero discursivo, “os tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2010, p. 262) e a suas dimensões (tema, conteúdo temático, forma composicional e estilo). Conforme Rojo (2013, p. 26),

[...] as práticas de linguagem ou enunciações se dão sempre de maneira situada, isto é, em determinadas situações de enunciação ou de comunicação, que se definem pelo funcionamento de suas esferas ou campos de circulação dos discursos (científico, jornalístico, literário, artístico, de entretenimento, íntimo, familiar e assim por diante). Essas esferas ou campos e seu funcionamento estão elas mesmas situadas historicamente, variando de acordo com o tempo histórico e as culturas locais (ou globais).

Considerando as palavras de Rojo, é muito importante atentarmos para a esfera de circulação em que o enunciado é produzido, pois eles orientam o projeto de dizer do sujeito. Ainda, segundo a autora, é importante analisarmos também a apreciação de valor, a axiologia, pois as relações entre os interlocutores interferem no modo de dizer.

Com tudo isso, destacamos o caráter relativamente estável dos gêneros do discurso, pois eles variam de acordo com a cultura, o tempo e o lugar enunciativo em que o sujeito se encontra ao produzir seu enunciado.

3.1 Gênero discursivo diário pessoal: uma visão sobre mim, sobre o outro

Conforme dissemos anteriormente, os gêneros possuem certa estabilidade, que é relativizada quando o sujeito produz efeitos de sentido que visam atingir seus objetivos, através de sua apreciação valorativa.

Foi o que percebemos ao estudarmos o gênero discursivo diário pessoal. Optamos pelo gênero diário pessoal por se tratar de um fenômeno cultural que, surgido na antiguidade e sendo produzido ainda nos dias atuais, integra locutor/autor, destinatário/leitor na figura do próprio produtor do texto, proporcionando a este um diálogo aberto consigo mesmo (e seu outro), configurando sua identidade (MACHADO, 1998).

O gênero diário pessoal, apesar de possuir um formato que rapidamente o identifica (indicação de local e data – cabeçalho –, tom confessional e relatos do cotidiano), varia conforme variam a esfera de circulação e a relação valorativa existente

entre os interlocutores. Mas mesmo com essa flexibilização podemos notar que através dos enunciados produzidos nos diários pessoais, podemos construir as identidades daqueles que os produzem, pois sua escrita é fortemente marcada com narrações de experiências particulares, cujo autor insere posicionamentos, críticas, adesões, reflexões, questionamentos, num movimento de autorreconhecimento, de forte cunho subjetivo.

É classificado, de acordo com Bakhtin, como um gênero do discurso primário, pois tem como característica sua formação na comunicação discursiva mais imediata e está mais próxima à fala. Constitui-se como escrita autobiográfica, que não é um mero discurso sobre si, mas um movimento de deslocamento e autocontemplação em que o autor se posiciona axiologicamente sobre a própria vida e o que o cerca,

[...] para isso, o escritor precisa dar a ela certo acabamento, o que ele só alcançará se distanciar-se dela, se olhá-la de fora, se tornar-se um outro em relação a si mesmo. Em outros termos, ele precisa se auto-objetificar, isto é, precisa olhar para si com certo excedente de visão e conhecimento. (FARACO, 2009, p. 95)

Por essas características e por ser versátil, amplo e dotado de uma escrita ativa e reflexiva, acreditamos que o diário pessoal é um gênero deveras importante para introduzir, iniciar, quem sabe retomar as atividades de produção de textos com os alunos. Pois os mesmos, notadamente os da EJA, com alto índice de baixa autoestima, costumam apresentar certa resistência às atividades que são consideradas “difíceis” e não acham que são capazes de produzir textos.

4. Educação de Jovens e Adultos: para quem? para quê?

A modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos – EJA – tem suscitado vários questionamentos a respeito de sua importância no sistema educacional brasileiro e para os sujeitos alunos que nela ingressam.

Muitas dessas dúvidas se referem ao currículo, ao acompanhamento que deveria ser dado ao discente dessa modalidade de ensino, como também se o objetivo de retorno efetivo ao sistema educacional tem se dado de modo satisfatório e com as respostas que a sociedade espera.

Quando estudamos a história da EJA em nosso país, observamos que diversas mudanças ocorreram em relação a quem seria o público-alvo da modalidade e quais as reais necessidades desse público. O que também percebemos é que mesmo com essas mudanças, a modalidade de ensino ainda passa por muitas dificuldades que vão desde a falta de especialização dos docentes para atuar na área, grande número de evasão discente, entrada cada vez maior de alunos que vem de inúmeras repetências e/ou indisciplina no ensino regular, até a diminuição de ofertas de vagas nas escolas públicas no turno noturno.

Na escola em que trabalhamos e em que nosso *corpus* foi produzido, a realidade é muito difícil, pois enfrenta problemas relacionados à estrutura deficitária, violência e uso de drogas, baixa autoestima discente por inúmeras reprovações ou por se perceber com alfabetização deficitária.

Com todas essas dificuldades que o sujeito aluno da EJA enfrenta,

[...] o grande desafio pedagógico, em termos de seriedade e criatividade, que a educação de jovens e adultos impõe é: como garantir a esse segmento social, que vem sendo marginalizado nas esferas socioeconômicas e educacionais, um acesso à cultura letrada que lhe possibilite uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura (BRASIL, 1997, p. 34).

Identificando esse desafio e tentando ao menos minimizar as grandes adversidades que havia no ambiente escolar ao qual estávamos inseridos, realizamos uma atividade que visava, além de aprimorar a produção textual, promover uma reflexão sobre si mesmo e sobre os desejos, sonhos e atitudes para a realização global desse sujeito, não só como aluno, mas enquanto cidadão.

5. Meu querido diário: construção identitária de alunos da EJA

Nossa atividade foi inspirada pelo filme “Escritores da liberdade” (FREEDOM WRITERS², 2007), na perspectiva de refletir junto aos alunos as implicações da violência no ambiente escolar, bem como a ascensão que o estudo pode proporcionar. A proposta de atividade diarista veio de uma aluna e os diários pessoais foram produzidos pela turma em aulas de língua portuguesa, no segundo semestre letivo de 2012. Foram produzidos 61 diários, por 23 alunos. Como recorte para análise, escolhemos os diários que trataram da escola/educação, pois por terem uma temática comum, ajudaria a perceber como se dá a construção identitária na discussão de uma mesma temática, além de delimitar nosso extenso corpus a 16 diários.

A turma pertencia a uma escola municipal de Natal, situada na zona norte da cidade. A escola já está presente no conjunto há dezesseis anos (desde 1998) e atende alunos dos níveis fundamental II (turnos matutino e vespertino) e EJA (turno noturno). A turma pesquisada compunha a EJA, nível III, no primeiro semestre letivo do ano de 2012. Possuía cinquenta alunos matriculados. No entanto, pouco mais da metade, vinte e seis alunos, frequentaram todo o semestre letivo. Desses, quinze foram aprovados na disciplina de língua portuguesa e dezenove foram retidos, grande parte por baixa frequência. A turma era composta por alunos moradores do bairro, de faixa etária extremamente heterogênea, com idades compreendidas entre 14 e 61 anos.

Nos diários que analisamos muitos dos sujeitos alunos elaboram seu discurso utilizando a forma composicional comum ao diário pessoal, indicar local, data e escrever sobre questões do dia-a-dia. No entanto, por estarem numa esfera específica (ambiente escolar) e realizando uma atividade proposta, percebemos desvios que, provavelmente, não seriam produzidos numa outra esfera e sem estar dirigidos a uma docente.

Para iniciarmos nossa análise da construção identitária de alunos da EJA por meio de diários pessoais, vamos partir de que Hall (2012, p. 109) nos fala acerca das identidades:

²Baseados em fatos reais, conta a história da professora Erin Gruwell (HILARY SWANK) que precisa vencer as barreiras da violência, da repetência e da baixa autoestima de seus alunos e, para isso, realiza um projeto de produção escrita de diários que muda as perspectivas dos alunos, da comunidade e dela mesma.

[...] têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo do qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.

Notemos que para Hall, as identidades são produto da utilização de recursos vários (história, linguagem, cultura) para a construção de um sujeito que poderá ser algo que ele almeja ou que se espera dele. Nessa perspectiva, vamos interpretar três diários para percebermos como se dá essa construção identitária. Por motivos de ética na pesquisa, preservaremos os nomes dos sujeitos alunos que produziram os diários e reproduziremos *ipsis litteris* o que cada aluno escreveu.

Diário 1:

A escola podia ter mais
coisas para a gente se enteresar
para vir e assistir as aulas, não
e pela bagunça que a gente
perde o estímulo de estudar e acaba
perdendo o que tem de mais valor
que é o conhecimento que é a forma
de mudar o mundo. Penas que os
ensino para muitas vezes ser o
lugar de brincadeiras. Será que
isso vai mudar um dia que eu
sei que só depende de nós, mas se
ninguém não nós ajudar como
podemos ser cidadão melhores

O sujeito aluno produtor do diário 1 inicia seu enunciado listando o que ele considera importante que a escola ofereça para que os alunos, incluindo ele mesmo, tenham seu interesse despertado. Ele também relata as constantes brincadeiras e bagunças que ocorrem no ambiente escolar e que isso provoca a perda de estímulo e, conseqüentemente, a perda do conhecimento. Por fim, ele reflete que a responsabilidade para que esse quadro mude é de todos nós, no caso, os alunos, devem ajudar a fazer da escola um lugar que os torne cidadãos melhores.

O sujeito aluno demonstra uma identidade que se constrói pela percepção de que a escola é um ambiente que promoverá a mudança que se espera, mas que ela precisa ser melhor do que a que ele tem conhecido e/ou frequentado. Percebamos que ele não se isenta da responsabilidade de promover a mudança que aponta, pois sabe que será privilegiado caso ela ocorra. Sua identidade é a de um sujeito aluno crítico e responsivo.

Notemos, ainda, que o gênero discursivo diário pessoal tem sua forma composicional desconfigurada, pois não há a estrutura comum com indicação de local e data. No entanto, há o relato de uma situação vivenciada cotidianamente e que lhe causa

insatisfação. Com isso, asseguramos o objetivo do gênero discursivo e da atividade escolar solicitada.

Diário 2:

Português

Bom a escola é boa os professores são
bons os diretores eceto os alunos
eles bagunça de mais pixão a escola
toda e isso faz que a escola fi-
que feia mais a escola é boa eu
adoro estuda aqui os professores
emcinam bem tirando que a escola
sega um pouco bazuçada por causa dos
alunos as coisas são boas e di noite
tem muito maconheiro so não gosto
disso mais eu não me misturo
com eles então a escola fica
boa valeu.

No diário 2, o sujeito aluno destaca o que gosta na escola, como os professores e diretores, mas também aponta o que lhe desagrada, como por exemplo a bagunça realizada pelos alunos e o uso de maconha pelos mesmos.

A identidade desse aluno se constrói com base na oposição em relação àquilo que ele não quer ser, daquilo que ele julga como diferente de si. Quando diz o que não se quer ser, afirma-se, de alguma forma, aquilo que se quer ser. Também notamos que a visão que esse aluno tem do que é uma boa escola é uma visão muito relacionada à estrutura, pois é forte a caracterização de como a escola está feia, pichada, quando deveria estar limpa, bem estruturada.

Essa construção identitária, que se dá pela diferença, conforme Hall (2012, p. 110), nos apresenta:

[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e, assim, sua ‘identidade’ pode ser construído. (grifos do autor)

Quando falamos da relação com o Outro, não podemos deixar de nos reportarmos ao que Bakhtin chamou de excedente de visão. De acordo com essa categoria, vemos o Outro melhor do que vemos a nós mesmos, pois essa extralocalidade (ou exotopia) nos proporciona uma avaliação que nos aproxima, mas que nos coloca de volta ao nosso lugar para que possamos ter outra visão: uma visão responsiva e respondente. Por exercer sua exotopia, podemos considerar que a identidade desse aluno é a de um sujeito estudioso e bom aluno.

Diário 3:

Diário Semanal

Hoje na escola estávamos todos alegres.
Gosto da minha sala pois tem muitos
jovens e pessoas de um pouco mais de idade
como eu e meu pai. Fico um pouco queta
pois a maioria da sala são
jovens e são outras ideias da vida
mas eu tento ao máximo me entrosar
com eles, não sendo ridícula mas sendo
compreensiva afinal eu também foi
igual a eles. As aulas de hoje foram
de geografia e português, na primeira
aula que foi de geografia gosto do
modo com que o professor nos ajuda nos
trabalhos pois ele sabe o quanto
é difícil trabalhar de dia e estudar
a noite da mesma forma a professora
de português que nos dá a chance
de recuperar as notas, os trabalhos perdidos,
Cada vez mais gosto de estudar
pela força que os professores nos dá.

O diário 3 apresenta o relato da aluna que nos aponta a realidade da sala de aula em que está inserida. Notamos que ela aparenta ter mais idade que a maioria dos alunos e que isso não a incomoda, pois a mesma compreende o comportamento dos mais jovens. Há ainda um relato interessante no que se refere ao perfil do aluno da EJA, o fato de trabalhar no diurno e estudar no turno noturno. Notemos que ela valoriza os professores que compreendem essas atividades e oportunizam o aluno continuar estudando, realizando as duas atividades.

Quanto à identidade dessa aluna, notemos que ela apresenta uma ideia de que pessoas mais velhas que se entrosam com as mais novas podem ser consideradas ridículas, mas ela desconstrói essa visão e diz que é compreensiva com o comportamento dos adolescentes. Percebemos, com isso, que esse sujeito aluno constrói sua identidade sob novos paradigmas, da integração, da compreensão. Identidade essa que por si só já é “descentrada” (HALL, 2011, p.8), ou seja, o eu desse sujeito aluno, que poderia ser considerado unificado, centrado, é dotado de uma identidade mutável, que se adapta a diferentes momentos, que se desloca continuamente.

Ademais, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p. 13)

Como cada sujeito é singular, esse descentramento, sua instabilidade, não deve ser afastada, pois como ela muda de acordo como é representada, interpelada, a identidade tornou-se politizada, orientada para a política da diferença. E mesmo sendo

diferente, podemos considerar a identidade dessa aluna como sendo um sujeito compreensivo, integrador.

Conclusão

Os resultados iniciais do *corpus* que constitui nossa pesquisa apontam que as produções dos diários pessoais confirmam a ideia de relativa estabilidade que o Círculo de Bakhtin apresentou, pois, como vimos, os diários escritos pelos sujeitos alunos não seguem um padrão em sua forma composicional, mas ainda assim, não deixam de ser diários pessoais, pois seus conteúdos expressam tom confessional, próprio das escritas diaristas.

Também observamos que os sujeitos alunos constroem e reconstróem suas identidades, numa cadeia responsiva, numa estreita relação com o Outro, marcando sua diferença em relação a ele. Esse movimento de (re)construção é típico do sujeito da pós-modernidade, “é uma forma altamente reflexiva de vida” (HALL, 2011, p. 15), pois estão em constante processo de reflexão acerca da escola a que pertenciam e seus papéis enquanto alunos da instituição de ensino.

O *corpus* nos fez perceber que a identidade se molda, fluida que é, as identificações (ou diferenças) e expectativas que os alunos têm de si e do que se espera deles. O aluno-autor se mostra e aponta sua identidade – crítica, de bom aluno ou integrador – sendo desconstruída, reconstruída, moldada. Isso confirma a ideia de que a identidade cultural é uma identidade nova, fragmentada, que passa por crises, num movimento contínuo de transformação da ideia que tem de si mesmo.

Com isso, almejamos que esse estudo, que não se esgota aqui, proporcione mais um olhar aos estudos acerca da linguagem e das identidades culturais, na medida em que fazemos uma reflexão sobre do uso da linguagem como prática social na representação do eu dos sujeitos alunos da EJA, da realidade em que estão inseridos, das identidades por eles construídas.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Prefácio: Ser leve e líquido.

BRASIL. *Educação de Jovens e Adultos: proposta curricular para o 1º segmento do Ensino Fundamental*. Coordenação de Vera Masagão Ribeiro. São Paulo: Ação Educativa, 1997.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREEDOM WRITERS. Direção de Richard LaGravenese. Produção de Danny DeVito, Michael Shambert, Stacey Sher. Paramount Pictures, 2007. DVD.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES (org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MACHADO, A. R. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOITA LOPES. (org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, R. (org.). *Escola conectada: os multiletramentos e as TICS*. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2012.